

Numero 1

A REVOLTA

AUTOR E EDITOR

Guilherme Lyra

Preço: 10 centavos, cada exemplar

LIBRARY



A REVOLTA

1911

Gilberto F. Silva

Price: 10 centavos cada exemplar

Compra
Numero 1

-4. SET. 2008

U. 16 F 14

A REVOLTA

AUTOR E EDITOR

Guilherme Lyra



Preço: 10 centavos, cada exemplar

Compra



RECONTRO

Um furor e um atrevimento são pouco para governar um povo.

Nestes nossos tempos de legalidade e imperativo juridico, um govêrno não pode forjar-se em corrilhos estreitos.

Os governos primitivos, quando a consciencia colétiva se debatia no cahos do furor e da bestialidade, saiam dessa caverna; o imperio, então, escudava-se na ferocidade, na cilada, no crime, no azar, na fôrça bruta, no assalto e na irresponsabilidade.

Isto é do tempo da tribu, do bando, da horda, do clan, e dessas idades tenebrosas, assinaladas pela galeria sinistra dos Neros e Tibérios. A autoridade coeva esteia-se na competência moral e intelectual, competência que demanda titulos autenticos, provas publicas de capacidade; e, só depois, a sociedade, pela manifestação tácita do seu querer, passará o *exequatur*, tal como acontece na esfêra diplomatica, reconhecendo a qualidade de *persona grata*.

De contrario ha desconfiança e sobresalto; de contrario ha dictadura infame; de contrario ha incertêsa dolorosa. A ditadura, difficilmente tolerada em situações irremediaveis, é, embora exercida por um genio, um apocalipse que faz bater dentes á razão.

Ignoro se os leitores já matutaram na funambulesca ministerialidade do sr. Machado dos Santos.

Nas entranhas deste simples acontecimento germina o estigma duma historia inteira, que ficará eternamente chumbada ao cruel suplicio duma *Historia que ri*.

E' um exemplo perigôso. O perigo jaz nesta frase: **Ele tambem foi!**

O carvoeiro ali da esquina e o padeiro do rez-do-chão teem tambem o seu direito de ser alguma coisa numa terra onde chegou a ministro um tal diplomado da Universidade do feijão vermelho.

E' questão de arregimentarem uma charanga de lafraus d'Alfama, questão duns assassinatos, duns assaltos, duns tiros.

O cômico dá uma embigada no trágico. E' preciso que a decadencia haja atingido o cumulo da depressão para que um tal estrume possa ostentar num paiz, impunemente, as pompas dum ministro. O clero aplaude frenéticamente um tal govêrno; o monarchico instiga-o ao sarrabulho demagogico e promete solidariedade. Estes aplausos forçaram-me a uma adjectivação

expressiva. Um governo *zero* seria um grande govêrno. Mas êste é mais que *zero*! Nas cadeiras do poder assaltado ha um espectro de mêdo de de incompetencia e odio. Das suas biblicas trombêtas irrompem regougos satânicos ameaçando de exterminio um partido enorme, e de morte um homem que, ainda môrto, terá direito a uma urna de marmore e a um monumento de bronze no seu paiz.

Mêdo, incompetencia e odio eram as drogas que continha o cerebro de Caligula quando desejava uma só cabeça á humanidade para melhor lha cortar; e eram os escarros que continha a cáveira de Néro quando se distrahiu a matar a mãe por nada mais ter que fazer.

Os partidos e os homens vencem-se com principios e ideias virtuosas. O mêdo a incompetencia e odio não são uma inteligencia. Não!

Quando a noite cai, os esbirros; á paisana, e os pelotões de soldados deslisam mudos e lugubres pelas sombras...

Venceis um partido e um homem?!

Vós? Oh! Não o creio! Dizei: — para que são esses pregos com que amarrais ás tribunas as mãos dos nossos oradores? para que as mordanças com que lhes tapais as bôcas? Isso não é lutar! Isso é sair á estrada de bacamarte aperrado e sevilhana nos dentes! Isso não é vencer! E' lapidar manietados!

Venceis um partido e um homem! Não creio!

Dizei: — para que são essas algemas com que turturais os pulsos dos nossos jornalistas?!

Oh! Malheur au pays dans lequel des paroles et des opinions constituent un crime! —

« Oh! desgraçado do paiz no qual as palavras e as opiniões constituem um crime!

Ha na nossa terra uma originalidade frizante, assunto palpitante dalguas páginas de patologia. Conselheiros apimponados e ministros conselheirais dizem do que se escreve: — *são balas de papel*! Este remoque amarelo tem por companheiro um riso superior de lacaios ricos e fanfarrões. E' um arremeço de tezura em que ha uma hipocrisia irritante. *Balas de papel* quer dizer: — *artilheiros de Liliput, granadeiros de chumbo...*

E não ha paiz onde a opinião encontre mais covardes e verdugos, nem ha *Otentócia* onde a ideia suporte iguais martirios. Extranhos artilheiros! a cujos projecteis de irrisão se riposta com decretos inspirados nos uzos dos pharaós ou no sistema de *Cómmodo* que votou ás feras um pobre homensinho surpreendido a ler a historia de *Caligula* por *Suetonio*. Não é original? Dum lado é *Omar* incendiando os 700:000 volumes de Alexandria; do outro é *Victor Hugo* comparando as urnas duma caixa francêsa aos alveolos dum favo, e o tipo a um enxame de abelhas.

Pobre imprensa e miseros cartapacios juridicos, que, em tão estereis vigílias, vos esfalfais em campanúdos pregões do azul e da vastidão para o pensamento, se duas patas dilaceram, tão facilmente, seis milhões de cabêças!!

Omar será eternamente um incendiario; *E'schilo* será eternamente o prodigio! O trono de *Napoleão III* será eternamente uma pôça de sangue e um pantano de vergonhas; os rochêdos de Jersey serão eternos diamantes, avisando o mundo, atravez os tempos, de que ali vagueou a alma dum gigante exilado da Patria, alma que a dor converteu em sol, alma que a fé sublimou na immortalidade.

Tapai as crateras, ó imbecis! Sufocai as tempestades, ó insensatos!

« Je somme tout homme d'...tat de declarer, la main sur la conscience, si la rèpression a jamais empêché un dogme de se rèpandre, une religion de se fonder, une idée de germer! »

« Eu intimo todo o homem de Estado, a declarar com a mão na consciencia, se a repressão tem impedido algum dia que um dogma se espalhasse, uma religião se fundasse, e uma ideia germinasse! —

O' lei da minha Patria: quem é aquele intruso que invadiu com ameaças e arrombamento, o Paço de Belem, condenando ao exilio um velho apóstolo da Republica, homem de caráter, homem de lei e da talento comprovado?!

« Vós exilais um homem, diz Hugo. Seja. E depois? Vós podeis arrançar uma arvore das suas raizes; vós não arrancareis o dia do ceu. Amanhan, a aurora. »

Um mau chefe de familia não pode ser um bom chefe de Estado.

O homem publico e o homem particular não são distinctos.

O mau homem será sempre um mau politico.

Donde veiu o scelerado? que quer o monstro?

A Patria será morta se um movimento energico a não revocar ao império do direito. Um Presidente duma Republica não pode estar á mercê de tais aventureiros. Ele, presidente duma Republica, o intruso!, um presidente á Napoleão Pequeno: guerra com a Alemanha, golpe de estado, plebiscito... com os seus Morny, os seus Maupas... Um jornalista de teus dias de ter, ror pede licença á sua consciencia para mijar-te em cima e para cuspir-te ó ladrão do podêr!

Trata-se dum bandido fora da lei!

Isto legitima todas as insurreções.

Venceis um partido e um homem?

Eu não o creio!

Ossadas dos heroes da India: — de pé! rangei nas vossas articulações ressequidas o beijo deslumbrante e apothetico das ressureições! erguei-vos nos vossos trapos carcomidos e olhai a França! Vêde! Os ventos das batalhas mais gigantes do mundo sacodem lá a bandeira de Portugal!

Virai, agora, os negros buracos das vossas orbitas sem fundo para este crime tremendo duma Patria em guerra!!

Que o arcanjo da Piedade amortalhe de nôvo o vosso nada imponente, num sudario perfumado de arripiantes marselhêsas e dos cantos enlutados dum hymno de *serranos*! Perdão, ó mortos!

Venceis um partido e um homem! Vós? Dizei: — para que essas prisões atulhadas de gente que não pensa como vós? para que esses esbirros farejando, vêsgos e sinistros, quem fala alto? para que esses soldados, indo pelas sombras tristes da noite, rondar nas posições de espera? para que esse misterio de crime? esse difamar sem provas?

Farçantes!

Venham de lá essas acusações! Venham! Queremos a moralisação da Republica! Exigimos, impomos, no nome dum partido inteiro, a prova desses crimes dignos da inventiva de Torquemada!

Eu não quero só a morte moral para esses reus! Não! Eu quero que eles sejam levados ao patibulo, quero vel-os varados pelas balas dum pelotão, sendo provados os crimes que lhes imputais.

O povo sofreu nas barricadas, nos embates de duas revoluções, no desvairamento duma saturnal, e é bom que os traidores sejam punidos.

Vá!...

Mas... vós! oh! vós inspirais o riso e o dó.

Anunciam-se infamias para o fabrico dum queijo, e as mãos dos acusadores não teem uma prova com base seria, com alicerce juridico.

Alguem percebeu a Historia de Bôlo Pachá?!

Vago! Vago! O caluniador uza de processos neutros, prestaveis a todas as interpretações da malevolencia.

Daí liberdade ao acusado e deixai-o defender! E' assim que se faz em todos os paizes civilisados.

Esta difamação não é menos irrisoria que aquella de que foi alvo Leote do Rêgo.

Havia lá uma *falsificação de assinatura*, frase misteriosa e de escandalo que daria éco. Afinal... o heroe da Rotunda ficou com uma rôlha entrançada nos dentes, rindo alarvemente, rindo na sua enorme cara de rancho! O falsificador era ele, falsificador do Diario do Governo...

A natureza dotou as coisas daninhas duma força mágica que provoca a sua propria destruição.

Vós... venceis um partido e um homem?!

Para que esse estorcegar de todas as liberdades publicas? para que essa metralha com que abarrotais o Campo Entrincheirado?

O assassinio tem as suas bebedeiras. O crime é uma descida: lá no fundo não se ergue o capitolio; espraia-se o abismo.

Vós chamais *cunhêtes* a esses maços de polvora; eu chamo-lhes esquifes, esquifes de portuguezes, esquifes duma Patria! E' uma pequena diferença. Atar o inimigo a um poste, difamal-o, cuspil-o, vergastal-o... é proeza facil, e é proprio do heroe que, sem um estremecimento, sem um baque de remorso, tolerou que a farda dum marinheiro, dum marinheiro illustre, que seria honrada em todas as marinhas do mundo, fosse calcada e enxovalhada, á sua vista, por uma multidão embriagada, por uma soldadesca indisciplinada e prostituida! Horror!

Quant à flautter la foule, ò mon esprit nom pas!

Havia mais cavalheirismo nos bandidos feudais e nos salteadores antigos. Zé do Telhado recuará ante esse sacrilégio.

Eu beijo essa farda illustre dum grande marinheiro da minha Patria! As patadas de lama e a esverdinhada babugem que sobre ela tombaram fizeram-se luz.

Eu queimo os meus labios impuros para beijar essa lama e esse puz, — ó simples! — Bemdita sejas!

Bemdita sejas, ó farda dum bravo, que lembras os tempos da lenda, os tempos dos galeões!

Vós... não venceis nada!!!

Não mates a formiguinha
Suspende a furia, rapaz!
Que mal te faz, coitadinha!
Zi... a bicha que mal te faz?!

Confesso que me é assaz desagradavel ver aniquilar seja lá o que for... Saltarico a mais ou a menos, ameijoa a menos ou a mais não é coisa indifferente. O mundo sem saltarico é menor; o mundo menos ameijoa não é egual a mundo com ameijoa. Não é preciso ter umas convicções vegetarianas muito arreigadas nem um temperamento poetico muito lacrimal para que o nosso amor ampare a existencia de tão inofensivos animaisinhos.

Que mal te faz, coitadinha!
Zi... a bicha que mal te faz?!

Se os matadores considerarem um pouco, depondo a faca sobre o competente alguidar, hão-de convir não ser tarefa muito simples uma tal salmoira num paiz onde ainda vicejam, aqui e alem, os tortulhos do *sebastianismo* e os cacetes de D. Miguel!

Eu conheço muito velhote por esse paiz alem, muito! que ainda guarda lá no intimo uma asca ou uns amores semi-adormecidos *pro* ou contra o *progressismo* e o *regeneratismo* dos antigos tempos. As paixões politicas são como os sinos: tangem-se e ficam a resoar. Os partidos politicos saiem das entranhas dos povos e perduram como eles. A simplicidade *matadorial* faz rir a gente de medo, pelos seus aparatos tetricos, pelos seus trágicos arregaçamentos de mangas! Ah! bons tempos de E'schilo!!

Grandes idiôtas!

Pois pode lá entrar na mitouta de mortais que não sejam fundamentalmente beócios a sacerdotal ideia do magico e universal aniquilamento dum partido tão numeroso, tão poderosamente organizado, dotado de tantas energias, de tamanha exuberancia de seivas, de tão lisonjeiros serviços prestados á Republica? Que ideia farão eles dum partido?!!!...

Que um qualquer geada da perigosa geração de Coimbra saudasse a via sacra, com um viva á *santa religião*; que um pobre saloio vos chamasse *têso*; que uma triste beata vos saudasse de joelhos; isso que importa? Pesai essas tres cabeças, ó gentes do meu paiz! e vêde o triste elogio dum matoide!! Ao vosso triumpho de acaso não respondeu o entusiasmo do pòvo republicano, mas o lugubre silencio por que terminam os cobardes massacres. A um *viva á Republica* levantado no seio da vossa *claque* respondem bôcas fechadas e olhares ofendidos. O pòvo não abriu alas e a alma republicana não acorreu á vossa passagem a engrinaldar-vos a frente com as vergontas do carvalho.

O assombro galvanizou o pòvo; os seus olhos parecem os dum fulminado; o seu ouvido tomou o rumo do infinito; esta cariatide tem palpitações no coração e a dextra fremente e recurva sobre o ouvido.

Ah! galvanizou a ouvir os canhões do mar! E espéra! Espéra um écol!...
Vós... não venceis!

A impotencia e a incompetencia sempre começaram por esses arrancos de leão desdentado e sem unhas e acabaram por desfazer-se ás bicadas da formiga.

A Aguia... essa... vós bem sabeis onde ela está! Vós bem o sabeis! E, á noite, quando a julgais bem aferrolhada na vossa irrisoria gaiola de enxovalho e apostais as bombardas nas vossas *trincheiras em... Portugal*, a misteriosa mão de Deus dá-lhe voadeiros de bronze, e ela paira... paira... e vem cantar-nos, em scintilações de astro, os seus projectos de batalha e os seus planos do futuro.

... Batalha entre uma Aguia e uma Ostra!...

. . . A Aguia . . . vencerá!!...

E' isto abraçar a causa dum homem?

Não será a causa deste homem a causa da Patria?

Discordando

Jornalistas, decerto carecas ou uzufruindo longa juba e barbaças estatuarías como convem a classicos orientadores da opinião, veem ferindo, nos ultimos dias, uma nota que teve o condão de impressionar-me.

Essa nota, digamo-lo já, é inspirada na mais limpida boa-fé, bastando para penhôr, o facto consideravel de estampar-se em diarios de bem confirmada reputação politica.

Pronunciando-me desta forma pelo que respeita ao aspecto da sua sinceridade, eu não abdicó dos meus direitos de criticar o restante.

Dizem esses jornalistas republicanos: — «*não queremos mais revoluções! basta de sangue!!*». Muito bem!

Ninguém contestará que os propositos de tais pacíficos cidadãos sejam destituídos de humanitarismo e dum bocadinho da tal ponderação burguêsa que, no fraseado feito, tem o honroso alcunho de *bom-senso*, o que o velho Hugo diz ser, «*muitas vezes, o ôlho do interesse*». Creio bem não existirem duas opiniões sobre a attitude reclamada pela delicadêsa do actual momento politico.

O partido democratico não poderia senão em manifesto detrimento do seu crescente prestigio, modificar por enquanto os mais firmes propositos de espectativa e serenidade que o inspiram.

Isto, porem, não quer dizer sono, anestesia, abdicção de virilidade. Impôr a um homem, a um partido ou a um pôvo, essa paralisia, é pior que castrar, pior que humilhar!

Qual o pedante que ousa ahi dizer que não quer mais revoluções? que não quer mais sangue?—qual o simples *Taleyrand*, uzufrutuário duns sentimentos tão insignificamente magarêfes e tão prosélitos do socêgo?

Qual o profeta capaz de garantir que não ha mais crime, mais traição, mais atropêlo, mais despotismo? Qual?

A revolução, creio eu, tem uma origem misteriosa como todas as gestações; não são os homens que se combinam harbitrariamente para as fazer; não é um jôgo de *cabra-cega*; não é espolinar de nervosos caprichos; não é coisa que se queira ou repila de forma tão singêla.

A revolução nasce do solo como as plantas: após uma sementeira. A semente dessa planta chama-se crime. A revolução é refluxo, é resposta.

Os incertos jornalistas seriam mais logicos e exactos, se dissessem ao governo: não faça crimes! não persiga! não esmague! não prevarique!

E' a receita mais eficaz; e ousou avançar mais: o unico antidoto.

Eu respeito as susceptibilidades alheias, e, como já disse, reconheço a boa fé desse alarme; mas, devo observar que ele pode suscitar os mais variados conceitos e dar margem, até, a uma reputação nada lisongeira para o partido a que respeita.

Os republicanos, acentuemo-lo bem, não fazem revoluções por gosto, mas quando lh'as impõem os factos. Assim é que é! Aqui não ha bocas espumando cóleras, nem sombrios designios de vingança. Apesar dos excessos cometidos, estamos ainda longe da rareficação que precede as profundas convulsões. A uma sementeira de ventos corresponde a colheita de tempestades.

E' a filosofia popular que o diz. O povo não mente. A dois mezes do seu *sultanato* o heroe do parque Eduardo VII é Pimenta ao cubo. A Republica está em muito maior perigo. Não só a Republica mas a propria Patria. O *Times*, orgão maximo da opinião ingleza, não oculta as suas apreensões e suspeitas, chegando mesmo a frisar, em termos precisos, que uma politica germanofila orienta agora os negocios portuguezes. A *França* está de atalaia contra nós. Os seus politicos e jornalistas referem-se-nos, todos os dias, em termos de pouca confiança. Portugal sufoca no bloqueio diplomatico. Cotejem-se estas situações: o representante diplomatico sr. Betencourt Rodrigues acreditado por este governo de encospia junto do governo da França, não obteve o *agrément*... Nós sabemos que, na vida diplomatica, um governo tem sempre o direito de reconhecer ou não a qualidade de *persona grata*, (pessoa simpatica) a um representante diplomatico ou consular. Mas, nesta hora, o significado deste não reconhecimento tem uma importancia de muita gravidade. Vejam, agora, outros factos ocorridos simultaneamente!— o Presidente da Republica francêsa jantou com o presidente legal da Republica Portuguesa, sr. dr. Bernardino Machado, exilado de Portugal. Tirem conclusões. Ao passo que o bravo Comandante da Divisão Naval, é considerado *desertôr* por um mandarinato de assalto, a França imortal presta-lhe uma carinhosa homenagem, confiando-lhe um lugar de alta importancia na sua valente marinha. *Desertôr?! Oh! sim! desertor dum campo de bandidos, duma farça de traidores, dum covil de ciganos!...*

Esta Republica Nova é bem uma coisa nova nos anais da democracia! Novissima!

E' uma nova e extranha Republica! onde não ha liberdade de opinião falada ou escrita, onde não ha liberdade de reunião para os republicanos. Os membros dos corpos administrativos e os funcionarios publicos de todos os serviços são misteriosamente substituidos por monarchicos e clericais. O palatinado dum estado separatista é convidado para assistir a uma missa exactamente no dia em que todos os corações deviam erguer-se para comemorar a data comovente em que o primeiro sangue republicano tingiu as ruas e acendeu nas almas uma aurora.

Extranha Republica! confiando uma pasta de ministro ao monarchico

integralista, Feliciano da Costa, conspirador julgado nos tribunais republicanos como tal.

Extranha Republica, que em nome dum mentirôso principio de *ordem publica*, vai substituir todos os officiaes monarchicos no *front* por officiaes republicanos a quem ainda não chegou a vez.

Extranha Republica! que, sem arripios de crime, esfrangalha e algema os soldados mais simpáticos, valentes e disciplinados da nossa raça: a marinha!

Extranha Republica! em que os corpos administrativos de assalto, corpos de nomeação, de confiança, retintamente monarchicos, vão apeando os bustos da Republica, nas suas salas de sessões e substituindo a nomenclatura republicana das ruas por nomes de corruptos e gafados monarchicos!

Os ladrões do poder quizeram substituir o valente e republicano militar Tamagnini d'Abreu, comandante do Corpo Expedicionario Portuguez, por um outro militar, monarchico da sua confiança.

A Inglaterra diz-lhes: Não! Não consinto!!

E a integridade nacional não foi atingida; a personalidade do Estado ficou virgem.

A Inglaterra não falou a Portugal! A Inglaterra disse aos bandidos: desconfio de vós! confio no governo passado!!

O sr. Ministro dos estrangeiros da França sabia, cinco dias antes da saturnal, que dois milhões de marcos tinham entrado em Portugal, por intermedio da Espanha!

A Inglaterra desconfia destes assalariados da Alemanha!

Extranha Republica! onde se pensa em abolir a Lei da Separação e perseguir a maçonaria!

Persegui, bandidos! persegui! Isso agrada!

A sanha dos verdugos origina as catacumbas. Persegui!

Após o crime de Dezembro, parece que uma fossa do circo romano se abriu nesta pobre Patria condenada, e um tigre esfaimado saiu lá de dentro aos bufos, obliquando furores e farejando entranhas fumegantes.

Persegui! A ideia perseguida refugia-se na sombra e ahi se robustece para afrontar o crime. Perseguir é estimular.

Extranha Republica! Ou eu sou um homem de desordem ou quem faz votos por esta *paz de Varsovia* prega uma mentira tremenda.

Reflexões dum expetador

O successo fora da Verdade e do Direito é uma apparencia.

A curta vista dos tiranos engana-se pensando o contrario: uma cilada bem succedida lhes dá a impressão duma victoria, mas tal victoria é cheia de cinza; o criminoso cre que seu crime é seu cumplice; erro; seu crime é seu algoz; sempre o assassino se corta com a sua faca; sempre a traição trahiu o traidor; os delinquentes, sem que eles duvidem, são filados no colête, pelo seu crime, expetador invencivel!

V. Hugo

Assisti á recepção feita em Lisboa ao sr. Sidonio Pais, comandante das tropas no Parque Eduardo VII, em 5 de Dezembro de 1917.

Antes de exarar as minhas impressões ácerca disso, eu devo dizer que fui ali para aquilatar da honestidade com que a imprensa relatara o resto da viagem pelo norte.

No dia immediato compulsei detidamente as parangonas de varia imprensa; admirei-me da pequenez com que os odios cobardes douram os insignificantes, passageiros e alheios triunfos sobre o adversario, e da moeda ignobilissima com que alguns pagam a graciosa concessão da sua alforria. Estou contente comigo! Atravez os arcos triunfais, as palmas agitadas, o tumulto das apoteoses, os fumos inebriantes das resinas e insensos, fantasiados por tão peregrines entusiastas, eu vi no horisonte uma legenda acoimando o povo de... *snob*.

Snob (dil'ò *Tackray*) «é todo aquele que admira pequeninamente uma coisa pequena». Depois do que vi e do que li eu faço aquilo a que os francêses chamam «*amende honorable*». Fui injusto. O povo não é *snob*. Os jornais mentem. Dizer que faltam á verdade é etiquêta impropria para tamanho descaro. *Mentem* é o termo preciso. Eu estive no Rocio! Estive lá! E como ainda nenhum decreto ou portaria se lembrou de tirar os olhos a quem está nalguma parte, eu, não só estive lá, mas vi; e, como ainda nenhuma *instrução ministerial* resolveu tambem expropriar o respectivo cêrebro a quem vê, eu... pensei!

Concedam-me a faculdade de ordenar o encerramnto de todos as repartições publicas a uma hora desejada; ponham á minha disposição o Exercicio, duas filarmônicas na mais pifia e escandalosa desafinação; distribuam-me uns foguetinhos; e eu responsabiliso-me por um bem mais ruidoso e espesso *magote*, capaz de grimpar á celebridade qualquer Fagundes Junior de Paio Pires. Eu não sei se algum bufo lobriga nestas amenidades uma ideia subversiva ou desbragada...

A infeliz agencia de manifestações entusiasticas saú-se mal da emprei-

ta. *Phaedro* é duma actualidade flagrante com a sua fábulasinha do *monte parturiente*. Sabem a historia? Assim foi: e, em lugar do estrondo, foi, apenas, um *magote* de rãs, de autómatos, de hipocritas, de *chomeurs* e de interessantes catões aspirantes a rabos de estrêla... Eu estive na fileira das rãs.

Não ignoram, decerto, que a rã é o animalsinho mais curioso do mundo.

S. Ex.^a o Hipópótamo tem sido muito feliz nas suas exhibições. A sua excentricidade é o motivo dum tal successo. A' volta dele, aos Domingos, ha um pòvo de sopeiras e bébés, que se perdem a rir.

O *magote* do Rocio, esse, coitado! pareceu-me trôpego e misantrôpo como uma enguia, sem impetos notaveis, sem espontaneidade, merencorio nos seus vivas ao domicilio, *pra metêr raiva*, o ar molarengo duma grande *chomage*... A talassaria (desculpe-se o arcaismo!) lá estava, arreganhando a mania de simpatisar com o sr. Sidonio Pais. Se tais amores continuarem a ser correspondidos, a sociedade portugueza ficará sólidamente *sidonificada*. As ideias fazem as linguas meus amiguinhos!

Espera-se do Ministerio do Interior uma erudita *porcaria* consagrando este sinonimo de *pacificar*. Pelo que respeita á parte cómica estamos entendidos. Vamos adiante:

Eu nunca vi, sem sobresalto, um Exercito utilizado em vistosas paradas militares e nunca olhei, sem profundos embargos de tristêsa, para a ceara ondulante das cabeçonas descobertas e tosqueadas dos nossos bravos soldados, quando, nas procissões de S. Jorge, lá na minha serra, balanceavam em cadencia funebre de irmandades e andores, a lembrar os primitivos rebanhos de escravos. Isto é improprio duma democracia. A farda do soldado não é mordança do cidadão. A caserna deve ser uma escola de civismo, um crisol de dignidade, e nunca uma forja de hipocritas e recurvados hilotas. O fim proprio do Exercito é a defesa da Patria. Utilisal'o doutro modo é desmoralisa-lo. O soldado não é jarra nem lacaio. A farda não produz a abdicação da pessoa.

« Eu acreditava de boa fé — diz Aurelien Scholl, na sua esplendida *Farce Politique* — que a República acabaria com esta coisa de ceremonias e recepções. Que é que isto significa? Qual a utilidade desta ostentação? O sr. *Thiers* sabe bem que, se um novo golpe de Estado fosse possivel, os mesmos personagens iriam junto do novo soberano com um zêlo, pelo menos egual áquele que eles vão manifestar ante o Presidente da República. Quando, pois, teremos nós um governo simples, capaz de suprimir estas formalidades? Não é senão com esta condição que os funcionarios conservarão alguma dignidade. E' uma instituição absolutamente monarchica a que consiste em fazer curvar periodicamente os espinhaços deante dum senhor. Ha vinte anos que se nos engoda com a promessa das reformas necessarias e é tempo de as começar. E' com isto que devem ocupar-se em lugar de perderem os dias a organizar desfiles. Somos nós um pòvo de de creanças que se embalará sempre com as mesmas cantigas? Deixai o ceremonial áqueles que teem necessidade dele e provai a vossa dignidade pela simplicidade das vossas maneiras. »

Latet anguis in herba

Tempos houve em que o meu partido sonhára com vacas gordas.

Nesse tempo um jovem republicano dirigia, em Coimbra, um modesto hebdomadario de combate, a *Revolta*.

Nesse tempo, tambem, esse jovem republicano foi protogonista dum acontecimento universitario que deu muito brado em todo o paiz, e vergastou, a seu modo, a esfingica insensibilidade com que um governo republicano deixou esmagar pelo tacão duma Universidade reacionaria, uma questão de imensa justiça e obresalto.

O deslumbramento, nesses dias, era muito. O governo meditava solememente em problemas de alta categoria, como quasi sempre acontece quando não convenir ouvir, e toda uma vibrante campanha que então estalou numa vasta área da imprensa de varios matizes, se diluiu, indecisa, nas solidões. O proprio *Mundo*, órgão dum partido radical, ou porque o pejassem as regosijadas prosas dos seus solicitos correspondente, notificando as conversões de valiosos elementos, ou porque o sr. Amadeu de Freitas proibisse terminantemente a cooperação no assunto, como afirmou o sr. Luiz Derouet na redacção da *Montanha*, não só pactuou inconscientemente com o atropêlo, mas achou por bem injuriar correligionarios duma forma bem desabrida.

Esta parcialidade reincidiu, mais tarde, por ocasião do Congresso do Partido Republicano Português, truncando, acintosamente, a publicação duma proposta ahi apresentada pelo sr. Anibal de Vasconcelos.

Tal proposta, redigida de harmonia com as leis existentes, tendia a evitar que dois assistentes clericais da Faculdade de Direito daquela Universidade, fossem elevados á categoria de lentes. O que é certo é que a faculdade ganhou a partida. Os estudantes republicanos foram esmagados, foram expulsos, foram alvo de risos e insultos, até por parte dalguns proprios republicanos, para os quais o *Mundo* era a voz do alcorão.

A *Revolta* morreu; e, após esse triunfo monarquico, que assumiu fóros duma questão a peito para as gentes da grei, a falange dos jovens academicos que entreabria os corações á nossa propaganda, debandou para o campo oposto ou caíu na morbida aridez do septicismo politico. O governo poz-se, tacitamente, ao lado do inimigo. O governo foi cúmplice dessa infamia!

Ora, intimamente, eu bem sabia que tempos haviam de vir em que me seria dado o acre prazer de assim falar.

A questão da Universidade de Coimbra está, hoje, como hontem, no mesmo pé da sua importancia.

Aquele estabelecimento de ensino, é, nas mãos do suspeito pessoal que o serve, não só um valioso elemento de *favor politico*, instrumento indispensavel dos partidos nestas éras mais chegadas, mas ainda um agente consideravel de propaganda clerical e monarchica. E os funestos resultados já se fizeram sentir duma forma bem patente!

Na attitude felina da Escola de Guerra, eu vejo o sêlo da Universidade! E' um sêlo muito meu conhecido! E não devemos considerar apenas esta fornada da Escola de Guerra, mas os sete anos transactos da mesma Escola, que aí arrastam espadas, e ainda os sete anos de bachareis e médicos e professores e filosofos que aí dominam todas as altas posições do paiz. Coimbra é uma pequena e bem organizada Vendeea, acrescida de todos os melhoramentos de guerra que o jesuita do seculo XX tem sorvido nesta civilisação.

Numerosos exercitos, bem adestrados, invadem anualmente o paiz e tomam as suas posições estrategicas.

E ao passo que a propaganda republicana esmoreceu até ao sono, eles trabalham, trabalham sempre, com uma tenacidade prodigiosa, com uma pertinacia assombrosa, com uma fé ilimitada, com uma coragem unica!

Este exercito, por sua vez, vai exercendo a sua influencia nas camadas populares. Coimbra é um perigo! A provabilidade do regresso da monarchia já me fez sorrir mais desafogadamente. «A primeira fase do possivel é sempre o impossivel».

Nos soldados portuguezes eles teem uma força cega e brava, sem vontade propria, sem educação republicana, sem principios, que hoje defende A. e amanhã defende B. consoante a vontade dos superiores.

Isto é um elemento com que podem contar. Ter officiais é ter soldados. Neste paiz é assim. As excepções contam-se.

O palatinado ditatorial do sr. Sidonio, proseguindo a tarefa do seu congénere apeado em *14 de Maio*, acaba de reintegrar o Dr. Guilherme Moreira, eminente professor, na verdade, mas perigosamente monarchico, e elevou á categoria de lentes os astuciosos clericais Magalhães Colaço e Fezas Vital.

Em Coimbra não existe neutralidade no ensino! Em Coimbra conspira-se sem tréguas, trama-se com furor. O integralismo tem ali o seu Quartel General. A Republica ainda não soube defender-se. O governo democratico perdeu occasões excelentes de operar profundas reformas.

A inoculação monarchica deu-lhe uma vastidão comprometedora e debilitou-lhe as essencias. A obra pouco republicana que se tem feito desde 1910, deve-se, em grande parte, a esse abaixamento de temperatura provocado por esse aumento de massa. O poder e os interesses atraíram homens, que, amanha, por um velho e inveterado habito de inconstancia, mudarão o casaco *democratico* para vestirem o casaco *sidonio*. A grande massa repu-

blicana e anti-clerical, é-o por sentimentos mais que pelo raciocínio. Faltou um espirito voluntariôso que tirasse proveito desse grande bloco das urnas, que facetasse esse diamante bruto. Quandourgia actuar com energia e vigor surgiam actricos de toda a ordem. Os costumes teem um deposito de sarros como os vinhos. Procurou-se a conquista de caciques para assegurar os sucessos eleitorais, e não a preparação inteligente e sistematica dum ambiente propicio ao desabrochar de novas ideias. Novos e ardentes republicanos, cujos talentos brilharam duma forma tão prometedora nos dois primeiros anos de Republica, foram encarniçadamente esmagados por uma onda de dissabores e desilusões. O organismo monarchico persiste na Republica em toda a integridade da sua primitiva estructura. As Constituições não abrigam as Patrias das investidas dos salteadores.

A Liberdade não vem das Constituições; depende duma acção de conjunto.

Primeiro a instrução, a educação; depois a Liberdade. E' esta a ordem logica. A Liberdade é um fructo. A Republica, para inicio da sua consolidação, deveria ter limpado todas as repartições publicas, todos os estabelecimentos de instrução e todas as engrenagens funcionais desde a magistratura até ao exercito. A cura dum tumor é impossivel sem lanceta e sem o estamque de puz.

Faltou essa decisão. A rotina mais lamentavel preside a esta elaboração de 7 anos. Os novos dirigentes recuaram ante essa especie de *direitos divinos dos funcionarios*, chamados *direitos adquiridos*, esquecendo que esse acto de piedade era impolitico e constituiria uma capitulação num proximo futuro.

«Ora mostrar demasiado coração é ter pouco espirito». A frase é dum grande mestre.

Numa das grandes crises da *Répubblica Française*, aí por 1894, dizia um propagandista, a proposito deste assunto:

«*Au non des droits acquis, la reaction vit de la Republique, et la Republique reste clonée sur ce lit de douleurs, la figure dévorée par les monstiques, les pieds rongés par les rats*».

Em portuguez isto quer dizer o seguinte:

Em nome dos direitos adquiridos a reacção vive da Republica, e a Republica fica pregada neste leito de dor, com o rosto devorado pelos mosquitos e os pés dilacerados pelos ratos.

Vermelhinha

O publico dos insultadores são os imbecis. Isto faz riso. A calunia acaba por ser um lustro. Por um rasto de prata sobre a rosa se reconhece que a lesma passou.

V. Hugo

No rescaldo da saturnal de Dezembro, algumas bôcas retorcidas feriram-me o ouvido com opiniões que não posso deixar transitar em julgado. Foi então que se anunciou aos quatro ventos da terra a morte moral do sr. Dr. Afonso Costa e do seu partido.

Um jornalista de antiga fama, sobre cuja reputação tombou um pingo do oleo que alimentou a saturnal, usufrue uma dessas bôcas.

Aspirando a leão não passou de verme; os dentes que se abrem, ameaçadores, para os vencidos, e as garras que se distendem, frenéticas, para defuntos, pertencerão a qualquer outro bicho, mas nunca a um leão.

A intensão era boa, e o latim já o diz: — *quum finis licitus sumt, etiam media licita est...*

Embora, antes da saturnal, o sr. Garção houvesse afrontado a velha Aguia republicana, era nobre, leal, simpatico, proprio de torneios, uma attude mais filosofa, mais humana e mais amante.

O sr. Garção preferiu a naifa á lança.

Golpear vencidos é heroicidade que não se inveja.

Eu leio a *Manhã* desde o seu primeiro numero; declaro, porem, ainda que se me julgue *in articulo imbecilitatis* (latim da minha lavra), que não tenho a ideia de ver Catão arremeter, de frente, contra o perigo, contra o tirano odiado, espantalho e vampiro, que, só, depois, nos é pintado em tons dantescos.

O sr. Garção matraqueava, sim, uns trocadilhos amenos de *republica republicana*, gingava com astucia e maneiras sãbias de toiro velho, mas sem virar para um lado certo, com a lealdade dos garraios novos, nunca produzindo acerções retumbantes, cauterizando vicios com espêtos rubros, esmagando camarilhas com arganazes de logica, apontando crimes em normando, e despejando, em suma, toda a metralha de que são capazes as indi-gnações viris e profundas. Sabia-se que as suas caldeiras estavam a meia pressão; adivinhava-se a incubação de antipatias e a forja de designios; sabia-se que ali havia precaução de serpentes.

A explosão arrogante do heroico tribuno da plebe excedeu, porem, todas as expectativas.

O primeiro numero da *Manhã* após a *Saturnal*, é duma cobardia épica e inaudita. De futuro bastará dizer-se: «a *Manhã* espalhou areia vermelha á sua porta no dia da saturnal.» E não é preciso ser formiga, fanatico ou facioso; basta ser-se homem de character, homem de aprumo e justiça para que um escarro saia debaixo e se espete nessa miseria humana.

Um minuto de cólera desvenda uma vida inteira.

E' certo que nem toda a gente pensa como eu. Eu advinho que uma tal attitude ha-de suscitar estrondosos aplausos.

Por mim encontro uma consideravel analogia de processos entre a proeza do sr. M. Garção, escritôr muito festejado, e o banditismo dos politicos salteadores que dependuraram de cabeça para baixo, uma fotografia do sr. Afonso Costa e lhe assaltaram a casa, leiloando por *baixo preço* todas as recordações e valores que ali toparam.

E' uma questão de contagio.

Uma e outra coisa foram perpetradas... pelas costas. Afonso Costa... Ha coincidencias terriveis!

Ainda nenhum dos trôpegos cristovos desse *ministerio tumba*, ainda nenhum dos crimes dos triunfadores, ainda nenhum dos tristes, vergonhosos e ináuditos episodios da *saturnal*, mereceu a indignação do prodigioso discipulo de V. Hugo.

As minazes catilinarias aguardam os funerais dos vencidos. Nós lá vamos... E' um homem que sorri habilmente para cima. Deixem cair os *sidonios* e depois deixem-no, que isso é lá com êle. Um teso! Eu marco o meu lugar.

Logo ao outro dia da *saturnal*, como veem, era uma destemeridade não esfaquear o sr. Afonso Costa! E ainda houve ingenuo que me garantiu sob palavra que *era jôgo!* A indignidade era a mesma.

Parece-me que quando se enxovalha um grande homem se lhe ergue um pedestal; os insultos assim fazem-se ouro e esplendem.

Não ha grande homem que não seja difamado, perseguido, mordido e turturado. Onde o primeiro génio sem essa coroa de dor?!

Socrates, E'schilo, Jesus, Danton, Voltaire e Herculano, Diderot, Virgilio, Milton e quantos, ó historia, trilharam esse calvario?

Nas auroras ha sangue e ha sol.

A inveja e a perfidia nascem onde o génio floresce. Um triumpho custa um sacrificio. Elevar-se na terra é fugir duma garra.

Até ao 1.º d'Abril de 1791 — diz V. Hugo, *o mestre dele* — Mirabeau foi: — um tratante, um extravagante, um celerado, um assassino, um tólo, um orador de segunda ordem, um homem mediocre, um homem morto, um homem enterrado, um monstruoso palrador, apupado, assobiado, vilipendiado mais ainda que applaudido.

Todas estas injurias foram pronunciadas por d'Aubry, Lautrec, Lapoule,

Guilhermy, Target, Duport, Rivarol e constam de jornais e panfletos do tempo; Laubec proprõe que Mirabeau seja levado ás galés. Marat propõe a força.

Faleceu a 2 d'Abril de 1791 o grande e fantastico principe da tribuna francêsa. No dia 3 inventou-se para ele o *Pantheon*, em cuja cimalha foi inscrita a legenda:

«*Aos grandes homens a patria reconhecida*». E os Target, os Rivarol, os Duport jazem no olvido mais completo, sr. Garção.

Se aqui os relembro não é menos certo que eles vieram á luz, agarrados como efémeros e incognitos parasitas, ás botas dum gigante.

Fragmento duma lista de infamias:

Voltaire foi estúpido.

Victor Hugo foi um borrachão.

Phidias vendia mulheres.

Socrates foi sodomita.

Catão lançou um negro escravo ás lampreias.

Miguel Angelo foi avaro e sabujo.

Dante foi concupiscente.

Molier foi marido de sua filha.

Diderot foi venal.

Garibaldi foi poltrão.

Achiles foi covarde.

Isto disse-se durante a vida destes homens. A esta lista, se o pudor mo não cohibisse, eu poderia acrescentar o estendal de torvas miserias que refere em torno do sr. Afonso Costa. Seria, mesmo, rebaixar este grande cidadão tentar defendel-o de taes injurias. Porque será? pergunto eu — por que será que o sr. M. Garção não estimula os odios de ninguem? Falam dois mestres: um em verso e outro em prosa:*

« Pas un homme qu'on n'ait puni de son genie;
Pas un qu'on n'ait cloué sur une calomnie;
Pas un, des temps anciens comme de maintenant,
Qui sur le Golgotha de la gloire saignant,
Une auréole au front, ne pende á la croix vile; »

« Nenhum homem que se não tenha punido pelo seu genie;
Nenhum que se não tenha pregado sobre uma calunia;
Nenhum, nos tempos antigos como agora,
Que sobre o Golgota da Gloria, sangrando,
Com uma aureola na fronte, não penda na cruz vil. » —

« La liberté, la vertu, tout ce qu'il y a de bon et de grand sur la terre, marchera toujours environné d'ennemis. »

— « A libereade, a virtude, tudo o que ha de bom e de grande sobre a terra, marchará sempre cercado de inimigos. » —

De Afonso Costa poder-se-ha dizer como se disse de Gambetta:

O odio contra este cidadão enorme é feito de inveja, de temor e remorso. De inveja — porque se tem visto surgir e elevar um homem verdadeiramente politico que não saiu da fabrica tradicional. Filho duma familia modesta, ele tem desconcertado as velhas classes dirigentes. Os paes e os senadores do antigo regime temem que os seus filhos sejam suplantados.

De temor — porque se a politica republicana traz, como não é duvidoso, os progressos que sempre tem sido recuados, haverá mudanças de influencias, e a oligarquia rotineira será reduzida á mais genuina insignificancia.

De remorso — porque aqueles mesmos que tentam travar a sociedade, recalcar a opinião, sentem bem que a verdade não está com eles; de remorso, porque muitos lastimam haver tomado o caminho onde avançaram demasiado para tentar agora um recuo.

Na adaptação urge ampliar a capitulo relativo á inveja.

Vi, durante muitos dias seguidos o jornal do sr. M. Garção reclamar nervosamente a liberdade do sr. Machado dos Santos.

Simpatisei devéras com essa attitude.

Tenho lido, porem, todos os dias o mesmo diario e ainda li não vi um artigo reclamando, em termos marcantes, a liberdade do sr. dr. Afonso Costa.

Noto, muito antes pelo contrario, uma indiferença de *quem gosa* e um regalo de quem *upa*.

E' manifesta a ideia que o sr. Garção tem dos dois homens: um foi tirado da coxa de Jupiter e o outro dos figados de *Nenrod!* Daqui aquela diferença de carinhos. O sr. dr. Afonso Costa deveria merecer mais atenções, não só da parte dum poeta e dum jornalista notavel, mas ainda dos proprios Codigos, na hipotese dum equal crime. A isto chama-se, em direito, uma *individualisação de penas*. Mas agora pergunto eu ao sr. Garção: Qual é o crime do sr. dr. Afonso Costa? Estou vendo o sr. Garção esmoendo a sua raiva... Diga!

Eu lembro-me tambem da não menos simpatica e acendrada actividade com que o sr. Garção defendeu o *Liberal!* As imunidades da imprensa mereceram-lhe, então, as mais sérias campanhas.

Foi esbandalhado o *Mundo*; foram suspensos o *Portugal* e outros jornaisinhos da provincia. E o sr. Garção lá diz que *sim* por officio, que *não* tambem por officio e amor á firma, mas, diga-se de passagem, sem aquele *entrain*, sem aquele *ailure*, sem aquele *saléro*, ai! que manifestou pelo choradinho *Liberal!*

Vê-se que o sr. Garção quer plantar as suas batatinhas nas cinzas do mundo... As suas ideias não serão a mascara deste negocio?

Isto repugna. Isto é feio. A terra é enorme e chega para todos. O sr. Garção é um inegualavel trabalhador de prosa e um firme republicano, apesar de um pouco prejudicado pelo *bem que se quer*.

Temo-lo visto apaparicar o anjo que os monarquicos e os clericais exalçam, mas isso depende mais da catarata que de maus intuitos. O aplauso monarquico é o bastante para que um verdadeiro republicano fique de sobreaviso. Embora se não veja claramente onde está o perigo, adivinha-se. O pôrco grunhe ao presentir a vibora; o cão late ao farejar o coelho; e o monarquico sorri e exulta de prazer ao ver governos miseraveis assim desacreditando as instituições republicanas e envergonhando a Patria.

Nos governos monarquicos houve muito velhaco, muito perverso, muito nulo. Isto, porem, bate o *récord!* em estupidez e no resto.

O sr. M. Garção abunda, tacitamente, nas ideias monarquicas quanto ao apoio necessario a *isso* que aí está, e, a que eu dou, por força de habito, a designação impropria de governo, para não falecer de riso como aquele bom principe Dahomey, quando lhe disseram, em 1794, que a França era um paiz sem rei.

Muitos jornais democraticos, decerto, na mais santa das intenções, transcrevem da *Manhã* com aplausos.

O sr. Garção é um politico mais personalista que qualquer outra pessoa. Ele aparenta sacrificar ás ideias, mas notem, que, no fundo, ha uma devoção de pessoas, uma devoção ás avessas. . . Basta o vigarismo da *lápide* para inteirar-nos. . .

Eu tenho a hombridade de declarar que o sr. dr. Afonso Costa tem o seu calcanhar de Aquiles. Negal-o seria uma indignidade. Basta ser homem. Toda a belesa tem senão. Os seus mêmritos, porem, são imensos. Basta pesar a sua obra de 1913, basta a Lei de Separação, para recuar ante a possibilidade de causar prazer aos pigmeus de Dezembro. Basta o Afonso Costa de 1913! Lu creio bem que a previsão é a mais excelente qualidade dum jornalista. A esse respeito o sr. M. Garção foi muito infeliz.

Por mim eu creio que os sufragios do meu paiz devem uma candidatura ao sr. dr. Atonso Costa e que a nação se deshonoraria não impondo por todos os meios a colaboração de tão vigoroso talento.

O sr. Afonso Costa ha-de voltar a ser ministro e o Parque Eduardo VII ha-de ficar ás môscas.

O seu sequestro enche-o apenas de prestigio.

Nós, democraticos, devemos ter bem presente que a reputação do sr. Mayer Garção se fez no *Mundo*. A situação que ele então ocupava naquele jornal era a dum tutelado. Embora parecesse livre aos seus proprios olhos a sua capacidade não era integra. Nesse jornal ele não escrevia o que queria, mas o que lhe consentia o sr. França Borges. Agora emancipou-se. E' ele proprio! O seu amor á Patria e á Republica é enorme. O partido democratico e o seu prestigioso chefe não lhe merecem, porem, identicos sentimentos. Transcrevel-o é dar-lhe força, é aplaudil-o, é encorajal-o a uma tarefa oculta, e deixar-se lograr por subtis escamoteações de vermelhinha.

CID ONIO

(LANCE TEATRAL)

No imperio da loucura a razão é um crime de Estado.

A. School

Pano de bosque — Penumbra — Marcha funebre em surdina, no abismo místico de Wagner.

(Em passo gravissimo de fantasmas Cid entra pela Esquerda Baixa, braços cruzados, chapeu de plumas, derribado, capa nêgra, calção, sapato de fivela de prata e cimitarra tilitando na palco. Pára. Silencio rigoroso. Voz narrativa, len a e saudosa :)

— A Onia, oh! a Onia é um pequeno e legendario paiz a levante da ilha da Utopia.

Eu, o nobre Cid, personifico a etnologia da raça e aí nasci duma estirpe que teve por tronco Sansão e por membro o fenomenal cavaleiro das Espanhas, Cid El Campeador.

Os magos mais remotos predisseram o parto de minha mãe e uma estrela brilhou no ceu quando eu vim á luz.

A minha cabeça foi arrancada do ventre originario por quatorze parelhas de mulas e um guindaste vigoroso ma amparou até aos quinze anos. Os sabios da Grecia, do Egipto e da India aportaram á Onia e, após excursões complicadissimos atravez as florestas dos meus cabelos, regressaram com bibliotecas de impressões sobre o meu genio, sobre a minha caspa, sobre os meus piolhos e sobre o meu destino.

(Tomando calor). Com um mez de idade matei um boi, com um espirro e com um murro pulverisei uma pedreira. Godofredo de Bulhões votou luto ao saber disso; e Rolando estremeceu de maleitas.

A minha eloquencia ressuscitava os mortos e a minha vista alcançava doze seculos adiante da vista dos proximos. Amphion desmaiou de inveja e Mirandola teve caimbras.

A Onia! oh!...

Porque a Virgilio de Mantua chamaram o Mantuano, eu, da Onia, fui chamado Onio.

Um dia (como isso vai longe!) uma embaixada de Liliput ancorou na baía do Crime e veio ajoelhar tres dias e tres noites no portico da minha

Torre de Marfim, entoando canticos *pandours* (*boches* de 70), tilintando marcos (moedas alemans) e bradando em prantos:

Cid! Cid! ó Cid!!...
 O' genio das alturas!
 O' sol, ó mirto, ó nardo!
 Vem depressa e decide
 Nossas tristes amarguras
 No Parque do Eduardo.

Desci aos meus salões. As minusculas creaturas foram ali introduzidas, e aí ouvi laudatorias mensagens esmolando o concurso do meu prodiogioso miôlo para a salvação dum povo longinquo, caído no demagogismo cronico, minado nos alicerces pela formiga branca e pelo aliadofilismo, mania perigosa de todos os traidores ás suas respectivas patrias.

Guilherme II catrapiscou-me da sua galeria e eu abaixei, meio grau, a minha cabeça predestinada.

As infimas creaturas, tão infimas que a sua altura não chegava a duas polegadas, abriram as suas boquinhas para o ceu e deram muitos e calorosos vivas aos meus gatos, ao meu nariz e ao meu nome.

Os seus esforços eram muito extracrdinarios nesta grita, mas eu tive de curvar-me quasi até ao chão para os ouvir.

Cavalos alados foram atrelados á sege de gala e, mais velozes que o vento eis-nos chegados a *Liliput*.

Eu, eu que via tudo atravez os corpos opacos, nunca sonhei que uma sociedade podesse atingir tal confusão.

Fiquei assombrado! Os homens, as mulheres e as creanças dos dois sexos uzavam ainda uma cabeça em cima dos hombros, exactamente como nos tempos da pedra lascada!

Ainda havia oradores!

Ainda havia jornalistas!

Ainda havia reuniões!

Ainda havia centros!

Ainda havia marinheiros!

Ainda havia patriotas!

Ainda havia mercearias!

Ainda havia um exercito semi-honrado!

Ainda havia republicanos!

Ainda havia anti-clericaes!

Caramba!

Ainda havia parlamento! e... ainda... ha... vi... a... gente viva!

Vai, eu disse para comigo: isto ha-de endireitar!

Reuni uma charanga de homens bons (... livra!) e expuz-lhes a minha tática. A coisa iria pouco e pouco, pois meu tio Salomão já dizia que a natureza não faz saltos.

Fiz-me ministro. A minha obra foi colossal! genial! divina!

Este infeliz pòvo nem quer lembrar-se de que eu fui ministro para não ser fulminado pela admiração. As nações mais porreiras curvaram a cerviz e até os proprios *selenitas* travaram relações diplomaticas e comerciais com o novo e florescente Estado. Fui eu, o genio! Feita esta metamorfose interna, fiz-me representante diplomatico de Liliput junto da Germania. Os dicionarios não possuem ainda termos precisos para exprimir o que então fiz. Ando ainda a inventar uns vocabulòs que uma portaria do meu secretario ha-de iutroduzir no *lexicon* daquela pobre gentinha.

A minha tática aperfeçoou-se na Alemanha, donde regressei com novas ideias.

A Nação de Liliput fez-me uma recepção entroncosa.

Os meus bolsos, as minhas narinas, os meus canais auditivos e os meus pés, foram assaltados por gentinha que aí erguia enorme grita, sempre cantando

Cid! Cid! O' Cid!
O' genio das alturas!
O' Sol!

Era tempo de operar a reforma.

(*Cid tira um al úde debaixo da capa. Ao longe ha uma cidade em ch m s, pasto de ladrões e de crime. Ribomba o canhão. Cid toca e c nta*).

— A minha obra! Sou imortal! Dissolvi o parlamento, sobracei duas pastas e fiz-me presidente.

Voltarei ao Parque Eduardo VII (hoje Guilherme II) tantas vezes quantas as necessarias para derribar qualquer governo que aquela pobre gentinha tenha a birra de querer.

Quando algum governo que não seja eu, meus secretarios, meus amigos monarchicos e clericais, quizer desorientar este pòvo, liquidal-o-hei!

Eu sou quem sou! Disse! A minha obra!

(*Vir ndo-se de chofre para um montão de feijões e batatas, onde um pobre sapo amodorrado mira uns galões de esmola e um roziro de três contos, ordena*):

Secretario! escreva:

Projecto de lei

Art.º 1.º— E' posto a pão e agua todo aquele que tiver opiniões contrarias á de Cid Onio & C.ª.

Art.º 2.º— E' extraída a epiglote, o cerebelo e o duodeno a todo aquele que escrever contra o mesmo Onio & a referida C.ª.

§ un.— No caso de reincidencia corta-se-lhe o nariz e põe-se-lhe ás avessas, com os buracos virados para cima.

Art.º 3.º— É' empalado todo aquele que tiver parentesco até ao 6.º grau com qualquer precito da tribu democratica.

Art.º 4.º— Cortam-se os dois pés, as duas mãos e o beicho inferior a todo aquele de que o governo suspeite que pode pensar mal da minha obra de paz, ou empregar linguagem desbragada.

§ un.— Ao meu governo fica reservado o direito de julgar o que vem a ser linguagem desbragada.

Art.º 5.º— Serão arrancados os olhos a todo aquele que vir, os ouvidos a todo aquele que ouvir, e os hombros a todo aquele que os encolher.

Art.º 6.º— A todo aquele que duvidar das infamias que eu levanto aos encarcerados, os braços serão substituidos pelas pernas e as pernas pelos braços, o anus pela cabeça e a cabeça pelo cu.

§ un.— Para a execução deste vantajoso art.º o ministerio do interior abrirá sem demora um concurso para magarefes e bufos.

Art.º 7.º— A casta dos revolucionarios civis será, desde já destituida dos seus empregos e as suas vagas serão preenchidas pelos meus sicarios a que não dou designação official.

Art.º 8.º— Será esquartejado e arrematado em hasta publica todo aquele que ousar criticar o art.º supra, attribuindo pechas á prostituição clandestina.

Art.º 9.º— Todo aquele que uzar um revolver será destituido de todas as víceras e servirá de mictorio no Rocio.

Art.º 10.º— Todo aquele que uzar canivete, navalhas de aparar unhas, ou tesoura, ficará sem as respectivas palpebras superiores e inferiores, e sofrerá a operação cirurgica de que foi victima o *desgracionado* sr. Luiz Derouet.

§ 1.º Para a execução destes art'gos haverá rurgas nocturnas e a massa encontrada nos bolsos dos prisioneiros será sumariamente destribuida pelos captores.

§ 2.º— Os reincidentes nestes crimes serão obrigados a ir ao *chimclimpé* até á Bolivia.

Art.º 11.º— Leva com um gato morto na cara todo aquele que resistir á execução dos art.ºs anteriores.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1917. Passos assaltados. — Eu e matilha.

(A cidade é cinza fumegante. Cid tange o alaúde. — O pano desce lentamente. — A bandeira de Lilliput, com o capacete alemão no topo da haste, boia ao lume dum mar de escarros. — Uivam os cães. Padres em fralda cospem o hino nacional sobre uma historia ensanguentada. Descerram-se dois tumulos: lá dentro ha duas sombras fosforecentes de esquelêtos: — Camões e Alfredo Keill. Os cães farejam e uivam. Uma galera desmantelada. Uma guitarra. Um fado. Uma lança. Fantasmas. Cai o pano. Lá de dentro, uma voz do abismo:

Terror! . . .

A plateia imerge em trevas. Milhares de mãos erguem-se nesse escuro em busca da cabeça dum bandoleiro!!)

